

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

AROLDO FERREIRA LEÃO, poeta, potiguar, nasceu em Parnamirim/RN a 12 de outubro de 1967. Desde os 15 anos de idade escreve com frequência, já contando com mais de 10.000 poemas escritos, que espera algum dia possam ser avaliados e pesquisados. É formado em Engenharia Elétrica, com ênfase em eletrônica, pela UFRN(Universidade Federal do Rio Grande do Norte) em Natal/RN e também obteve créditos de Mestrado, na UFPB(Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande/PB. Começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornalzinho cultural *Vôo Primeiro de Uma Arribação* em Natal/RN na década de 80. Possui seis livros de poesias publicados, respectivamente: *A Trilogia da Dor*, 1995; *Carta a Tio João Cordeiro*, 1996; *Alfabetizando a Alma*, 1997; *Presságios*, 1997; *Sisuda Acidez*, 1998 e *A Janela do Sótão*, 1998. Está no prelo seu mais recente trabalho intitulado *Impactos Azuis*, livro de poesias, especificamente contendo 100 poemas que procuram resgatar a essência das coisas e . Aparece em cinco antologias, respectivamente: *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*, 1990, livro organizado pela Fundação José Augusto com 43 poetas ganhadores de um concurso literário realizado em 1989 em Natal/RN; *Um Dia a Poesia*, 1996, livro e vídeo, organizados por Ayres Marques em Natal/RN; *Poética Ribeirinha- Antologia Literária de Petrolina-1995*, 1998, livro organizado por Elisabet Gonçalves Moreira em Petrolina/PE; *Coletânea do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba*, 1998, organizado pelo próprio Clube junto à C. N. Editoria em Piracicaba/SP; *I Antologia Nau Literária*, 1999, organizada pela Editora Komedi com vários

**COMENTÁRIO SOBRE O SONETO E UMA
REFERÊNCIA AO LIVRO *A JANELA DO SÓTÃO***

não sei o que percorre a ciência dum sonetista ao produzir (ou entrar em estado de produção de) sua arte. nos demais poetas, cômicos, percorrem técnicas de produzir sonetos. a princípio é postulado a todos poetas, sonetistas ou não, a insistente constância de criar, seja sob originalidade singular na maioria dos aspectos que se propõe a conceber (ou apenas nos aspectos estilísticos), ou sob paráfrase implícita (uma vez não mero reproduzidor de imagens e/ou vislumbrador de paisagens), ou sob transgressão de tradições (para novas conquistas dentro do conhecido ou por evasão de conceitos). em seguida, é inevitável percorrer o poeta, sempre cômico, os modelos clássicos de soneto, seja sob a forma italiana (dois quartetos e dois tercetos, e sua inversão espanhola, dois tercetos e dois quartetos) ou sob a forma inglesa (uma duodécima e um dístico). daí, as aceções conquistados, das medidas decassilábicas sob heróicos ou sáficos, ou mesmo livres (qual fez Vinícius de Moraes, por exemplo), quanto das medidas alexandrinas quanto das nuances septassilábicas. ainda sobre as possibilidades estruturais, incorrem as rimas **abba abba cde cde, abba abba cdc dcd** etc. o que se considera, e mais importa, é que o soneto é sempre formal, embora não seja cruamente aquela forma lírica completamente fixa, há de se considerar que produzir um soneto numa estrofe de catorze versos chama atenção a uma consideração que se diga de avulsa, na contemporaneidade. produzir sonetos transcendeu, assim, a desenvolver um poema formalmente premeditado pelo qual se apresente uma introdução (ou proposição), um desenvolvimento e uma conclusão (vezes por outra com desfecho temático ou chave de ouro no último ou dois últimos versos), mesmo a metro livro e

AROLDO FERREIRA LEÃO

Harmonia Dissonante

1º Edição, 1999

ÍNDICE

BIOGRAFIA	07
PREFÁCIO	09
APRESENTAÇÃO	11
HARMONIA DISSONANTE	13
PASSO A PASSO	15
MINHA CORRERIA	16
SEMPRE	17
PRESENÇA DISFORME	18
INÓXIOS SENTIMENTOS	19
PASSEIO	20
EU	21
INTUIÇÃO	22
PARTIRAM-SE	23
TORMENTOS	24
COMUTAÇÃO.....	25
ENQUANTO	26
O TÉDIO.....	27
PRESSÁGIOS	28
DESCULPOU-SE	29
PELO TANTO	30
VIA-SE	31
SOU	32
NAQUILO	33
CAMINHOS FECHADOS	34
EVIDÊNCIAS	35
ESPANTADO	36
SILÊNCIO VOCAL	37
VERDADEIRO	38
NOITES	39
COESÃO	40
ESSÊNCIAS	41
VELHO APERREIO	42
VERSOS	43

A Isabela, minha filha, de olhar doce e inquieto como
minha alma;

A Corrinha, que quando deu à luz a Isabela me deu
mais quinhentos anos na alma;

A Dona Guidinha, minha sogra, mais mãe do que
sogra, que me ensinou ser possível navegar com
humildade no coração dos aflitos;

A Dona Nicinha, o anjo-da-guarda meu e de Corrinha,
que com tanta espontaneidade me revelou um dia,
num olhar, que a vida têm a espiritualidade de todas as
coisas que a compõem;

A Dona Dorinha, esposa de Seu Raimundo, falecido
em julho de 1999, por saber ser sempre sincera.

CANSADO

Cansado de ser quem nunca chegou
A ser, feriu-se com a lucidez
Dos seus instintos, viu-se na soez
Convicção desunida e alicerçou

Em si mesmo a demência que tocou
Na sua fria dor de uma só vez.
Despolinizou-se, ávido e sem tez,
Através dos aromas vãos, moldou

No tempo a íntima angústia dos perdidos
Na fotossíntese erma dos escuros.
Algo despedaçou-o em muitos nítidos

Pedaços impossíveis de juntar,
Colocou-o nos sonsos tons impuros,
Naturalmente viu-o sem se achar.

BIBLIOGRAFIA

I. Livros

- a) *A Trilogia da Dor*, Edição do Autor
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1995;
- b) *Carta a Tio João Cordeiro*, Edição do Autor
Gráfica Franciscana, Petrolina/PE, 1996;
- c) *Alfabetizando a Alma*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997
- d) *Presságios*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997;
- e) *Sisuda Acidez*, Clube dos Escritores Piracicaba
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- f) *A Janela do Sótão*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1998.

II. Antologias

- a) *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*,
Fundação José Augusto
Gráfica Manimbu, Natal/RN, 1990;
- b) *Um dia A Poesia*, Ayres Marques
Gráfica Santa Maria, Natal/RN, 1996;

DIVAGAÇÕES

Divagações coesas rebuscam
Os olhares que chegam e ofuscam
Nossas estranhas luzes brilhando
No espaço heterogêneo do brando

Sorriso recatado. Porções
De melancolia, ocas razões
Desmioladas, tornam nossos
Intensos aperreios insossos

Alimentos servidos à mesa
No horário putrefato da ileisa
Reação tão nutrida de fatos

Aborrecidos. Móveis pacatos
Pés andam por montanhas deixando
Rastros que aos poucos vão nos juntando.

PREFÁCIO

Uma destas estafantes tardes de verão...

Chego em casa e encontro originais poéticos de um livro, e um recado: “Um moço chamado Aroldo pediu que você fizesse um prefácio para o seu novo livro...” Surpreso com o elevado grau de confiança demonstrado pelo poeta ao deixar-me as suas jóias e por me achar capaz de uma apreciação de sua obra, aguçou-me a expectativa de conhecer os poemas e o seu autor!!

Dia seguinte é feita a apresentação, só que a esta altura já o conhecia através dos traços e versos reveladores da sua inquieta e inquiridora personalidade: “O verdadeiro poeta se torna refletido por inteiro em suas criações”. Com o presente que este me fez, dias após, de uma coleção dos seus livros já publicados, confirmou-se-me o que eu entendera. Sua poesia desnuda e expõe a alma de uma dessas pessoas que já nasce com o “destino” da busca, da procura de si mesmo nos meandros da vida e de conhecer a *verdadeira face* do ser humano, tão artilosamente oculta pelas máscaras que se vão sendo sobrepostas existência afora. A inquietação, a pressa de respostas a perguntas que lhe vêm *de longe*, lá de dentro do seu subconsciente, faz com que *respostas/interrogativas* se multipliquem e esbarrem em forma de poesia. É o *lato sensu* do ser interiorizado com o ser exterior metamorfoseando-se em pura arte. Aroldo se apresenta, para si próprio, como um grande *ponto de interrogação!* Aroldo Ferreira Leão nasceu poeta e algo de marcante está ainda para lhe acontecer. Entendi isto ao *ler* o que lhe vai n'alma já a partir

NOBRES ANGÚSTIAS

Nobres angústias, pobres vidas
Circulando em insandecidas
Visões arcaicas. Refrações
Do mundo, velhas reflexões

Dominando os isolamentos
Doídos. Rotos elementos
Paparicando alguns defeitos
Sublimes desses rarefeitos

Silêncios sempre conflitantes.
Percalços chegam em distantes
Idéias soltas nos possantes

Temores turvos, taciturnos.
Estrelas pousam nos noturnos
Amores cíclicos, soturnos.

APRESENTAÇÃO

Nos caminhos tortuosos do mundo em que vivemos minha alma procura a essência dela mesma, investiga suas deformidades e claridades, distribui, na instantaneidade dos fenômenos que a envolvem, as incertas atitudes dos seres dispostos a transporem as barreiras sujas da vida. Algo me prende a solidão dos infinitos, me dissolve na magnética ação das ilusões atemporais. Estou rodeado de inquietações, transitam em mim sinais de desgostos ancestrais, visões crepusculares dos instantes que me deixaram na contramão das idéias e sentimentos. Há uma tensão me movendo de encontro às visceralidades, abrindo o leque metafísico de minhas assombrações e construindo em meu opaco ser os alicerces espirituais que, no tempo certo, me erguerá aos patamares elevados da compreensão e da sabedoria. Insossos pensamentos me transformam num homem à busca de si mesmo, me recriam nos sons de uma *Harmonia Dissonante* tocada por mãos calejadas de nunca se descobrirem inteiramente. Fantasmas me reencontram unido aos senões das mentes ternamente divididas entre os silêncios e as dores dos universos atormentados pelas circunstâncias que os oprimem e os definem num indeterminado número de coisas sem sentido. Indagações e surpresas me envolvem, me consolidam nas incertezas, me tornam um indivíduo estarecido diante dos confusos indícios de amarguras em meu ser. Na presente obra, constituída de cem sonetos, metrificadas de oito a dez sílabas, venho procurando ampliar a idéia da criação do soneto que já teve início no

BEM SABES

Bem sabes que és ilimitado,
Mas te descobres fraco vendo
Tuas agruras tantas. Sendo
Tu um sonhador inveterado,

Alguma coisa suja de ávido
Sentimento único, estás só
E assim terás que virar pó
No dia da morte do cálido

Intuito póstumo daqueles
Desejos tidos numa reles
Comoção plena de deslizes.

São inumanas cicatrizes
Que te atordoam fomentando
Teu lado empírico, até quando?!

Harmonia Dissonante

DISTANTE DE MIM

Distante de mim a vida flui,
Organiza-se em dúvidas mortas
De imponderâncias, traz as comportas
Abertas da dor que me dilui

Na saudade total. Reconheço
As paredes erguidas nas casas
Sem portas, os destinos de asas
Sempre em movimento e, então, mereço

Ponderar-me no mais absoluto
Vácuo procurando as peripécias
Do pensamento num resolutivo

Problema retratado na lógica
Contumaz das pacíficas, néscias,
Noções livres como a flor pudica.

PASSO A PASSO

Passo a passo, ínfimo, refez
As abluções sujas da vida.
Coordenou-se na guarida
De si mesmo, íntimo da vez

Surgida no tempo através
Desses instantes de incontida
Reação vária. Amou a nítida
Impressão do mundo em viés,

Distribuiu na alma os soluços
Onipresentes, velhos, ruços,
Jogados no caos das razões

Desencontradas. Encontrou
No universo o que não sobrou
Das circunstâncias sem senões.

METICULAÇÕES

Meticulações vibram nas ligeiras
Fugas que nos alteram em certeiras
Atitudes canhestras. Dóceis mundos,
Perdidos na era de tantos imundos

Afetos, reconhecem as inteiras
Índoles cujas forças são matreiras
Impaciências ralas. Vagabundos
Rondam ruas, esquinas, vãos, rotundos

Caminhos disfarçados pela dor
Da contingência que nos atormenta
Sorumbaticamente. O dissabor

Dos entraves pesados acelera
Variados intentos, sedimenta
Os elos vivos de quem nada espera.

SEMPRE

Sempre enxergou as coisas às avessas,
Contrariou a si mesmo, morreu
Pensando no improvável modo dessas
Situações tortas. Entendeu

Tardiamente as lógicas das pressas
Que desnorteiam o eco fariseu
Das razões monetárias. Nas compressas
Do tempo envolveu as causas do orfeu

Som desajeitado, único, vital.
Dissimulou-se auscultando o abissal
Segredo dos degredos mais hostis,

A impaciência insana das sutis
Congregações de um ser entregue ao sã
Ensejo agrupado em uma dor vã.

SUSTOS

Sustos amedrontaram-no, calaram-no
Indiscutivelmente, procuraram-no
Nos entraves velozes como nós
Díficeis de amarrar aos soltos pós

Das estradas sozinhas. Corroeu-se
De maldade, entregou-se a si, perdeu-se
Ensimesmado com a palidez
De tantos pensamentos numa tez

Frontal cada vez menos singular.
Duvidou-se, partiu-se na felina
Crença volátil, no divagar

Mundano dos espíritos paridos
Pela energia cíclica da sina
Dos destinos soturnos, atrevidos.

INÓXIOS SENTIMENTOS

De meus inóxios sentimentos
Nasceram os isolamentos
Fluentes do meu ser. Intentos
Proliferaram-se em momentos

Assustadores, refundiram
A consciência, conduziram
A impaciência pro amplo, uniram
Plenos consensos, repartiram

As sensações descoloridas
Dos pesadelos. Atrevidas
Percepções têm poentes vidas

Solares sempre transformando
O tempo num sonho brilhando
Através de um sorriso brando.

DESTEMPERO

Estamos fadados ao destempero,
Às dores da inútil pendenga cíclica,
A fuga lunática pelo esmero,
Ao místico lado da causa rica

De herméticos brados possessivos.
Contamos nos dedos a caridade
Que de nós provém, nossos aflitivos
Suplícios desmontam toda acuidade

Dos frívolos choques candidamente
Dispersos nas fúteis misantropias
Estáticas, soltam, numa demente

Astúcia coeva, a totalidade
Das metas que nos deixam como guias
De seres visados pela saudade.

EU

Poço profundo de incertezas,
O desconexo lado morto
Das ilusões nessas fraquezas
Da alma, o ligeiro modo absorto

De refazer as sutilezas
Claras daquele desconforto
Visceral, a dor das destrezas
Sonsas, o caos do cais sem porto,

A correria dos meninos
Olhando os velhos desatinos
Das contingências inumanas,

As confusões serenas, tímidas,
Das mãos que acenam aguerridas
Para os delírios não sacanas.

PERSISTÊNCIA

Por mais que persistisse encadeava
Em si mesmo a tortura dos chistosos
Cidadãos timoratos, procriava
Internamente os góticos dolosos

Atos incomuns, via as insondáveis
Tentações dominadas pelas fétidas
Obrigações danosas. Incuráveis
Sonhos modificavam-no em contidas

Posturas aguerridas transmitindo
Aos seus instintos lúdicos o lindo
Orvalhar das manhãs que não
existem,

Os argumentos falhos de um diálogo
Franco de indagações sinceras. Logo,
O planeta é dos que lutam, insistem.

PARTIRAM-SE

Partiram-se as expectativas,
Abriram-se as veredas pródigas
Das projeções dessas esquivas
Desconexões ternas, amigas.

Sobraram más noções ativas
Articulando áureas intrigas
Atravancadas nas nocivas
Coincidências meio antigas.

Consumou-se o ato temporário,
A vocação visionária
Do coração sempre operário

Da bondade. Em tudo flui raros
Orvalhos vindos na vasta ária
Cantada com gestos avaros.

PROSSEGUIR

Muitos prosseguem na caminhada,
Outros tantos consomem a estrada
Por si próprios num conto-de-fada
Falso, presenciando uma dada

Sentença que de tão isolada
Desnor-teou o siso dailhada
Preocupação máxima. Atada
Aos deslizes está minha ousada

Ligeireza serena, a atirada
Opinião teimosa melada
Com o açúcar de toda cocada

Vendida numa feira suada,
Completa de coisas como buchada,
Rapadura, batata e feijoada.

COMUTAÇÃO

Os sons comutam no infinito,
Procuram móveis convicções
Despedaçadas em atritos
Postiços. Âmagos aflitos

Viajam no eco não ilícito
Da correria nas lições
Que nos agrupam aos bonitos
Sentidos tidos em conflitos

Diversos. Místicas fusões
Cerebrais quebram ilações
Incongruentes, afugentam

Essas simplórias confusões
Alicerçadas nos porões
Sujos dos fatos que se inventam.

EXPLORO

Exploro minha insanidade
Observando a intranqüilidade
Do corre-corre na cidade
Dos meus instintos. A verdade

Ainda não conheço, vivo
Da incerteza ébria, do incisivo
Corte imprudente nesse ativo
Semblante meio tonto, esquivo.

Existe em mim mortas pegadas
Descarriladas nas estradas
Sem trilhos, vidas em minguadas

Situações tortas, cadências
Que se situam em anuências
Totais, tais quais loucas vivências.

O TÉDIO

O tédio consumiu-te, isolou-te.
Nada sobrou de ti, mantiveste
No espírito o bailar do cipreste
Solto ao vento sem fim. Norteou-te

A visceral razão que acendeste
Nas entranhas. O sonho apressou-te
Na direção da vida, roubou-te
Da cicatriz que sempre soubeste

Administrar. Eternas surpresas
Burilaram as cores ilesas
Do abandono, cerraram o instante,

Petrificaram o mar agônico
Do dismantelo idoso e antagônico,
Sondaram o eixo do impulso errante.

PAISAGEM

Além do teu olhar a paisagem
Modifica-se e tua visagem
Ramifica-se pela dosagem
Que te acelera para a pastagem.

Estás nos solos sem estiagem,
Na correria de uma viagem
Pra lugar nenhum. A vadiagem
Procura-te no dia de imagem

Contrariada, na defasagem
Das horas, no fervor da engrenagem
Da alma que se vê na picotagem

Dos temores são. A carruagem
Do desejo oco tem a plumagem
De vastas dores numa moagem.

DESCULPOU-SE

Pelas palavras que nunca disse,
Desculpou-se. Refez sua própria
Ignorância, aliou-se a simplória
Sensação dos perdidos. Se ouvisse

Os segredos do tempo e sentisse
A dor da reação vasta, inglória,
Dos gestos acabados na história
Do mundo, morreria. Se visse

A realidade oca dos parques
Sentimentos impuros, faria
Das coisas uma vã poesia.

Lançou-se como as flechas nos arcos
Que sempre apontam para os mistérios
E atingem murchos alvos bem sérios.

HUMANOS

Humanos, vis, matam-se, ocultam-se
No lado mau de tudo, avultam-se
Em temporais arquitetados
Nos tristes temas afanados

Da ilusão. Tornam-se impostores
Fundamentados nos temores
Dotados de alvas artimanhas
Que nos comprimem como aranhas

Em suas redes. Ardilosos,
Nunca respeitam os bondosos,
Extinguem muitas esperanças,

Consumem os sérios intentos
De estarmos bem, com pensamentos
Fortes, munidos de bonanças.

VIA-SE

Via-se eternamente sozinho
Fluindo nos caminhos atados
Aos destinos impuros. Sentia
Interiormente o desalinho

De quem percebeu tarde o carinho
Inútil dos orvalhos cansados
Das manhãs. Não sabia que iria
Esgotar-se de amar, já novinho,

Os vazios dos medos calados
Pelas noites contínuas. Queria
Coligir a fé de um descaminho,

A essência leviana dos brados
Ouvidos na demente distância
Repleta de algo inosso, doidinho.

RESÍDUOS

As coisas modificam os resíduos
De dor que sobram dentro dos olhares
Resignatários. Vozes, tons assíduos
Restauram cantorias seculares,

Protegem os suplícios que detêm
Meus defasados íntimos degredos
Sombrios. Estragados ecos põem
Impaciência nos turvos torpedos

Sensoriais, esperam elevar-me
Sutilmente, são rios a levar-me
Pelas veredas das altas montanhas

Perdidas na saudade que abrigou
Os contextos do mundo e norteou
As antigas dissídias das entranhas.

NAQUILO

Naquilo que vês tuas encharcadas
Necessidades líricas, abarcas
Os segredos fraternos dessas arcas
Desencontradas no tempo, fechadas

Nesses entraves dos baús de marcas
Antigas postas por mãos enfadadas
De pegar nas fricções atrapalhadas.
Ventanias vêm cíclicas nas parcas

Situações plurais arrefecidas
Pelas inanições desenxabidas
Dos seres que se passam por faquir.

Apressados intuitos torpedeiam
As fornicções acres, incendeiam
Os mistérios de um tônico porvir.

QUERIA

Queria apenas navegar
Sem mágoas ou iras, viver
Tranquilo a mística do mar,
Ver o horizonte de seu ser

Modificado pra melhor
Através do fluente vai
E vem das ondas. O maior
Dos passatempos de quem sai

Para enfrentar o bailar de águas
Salgadas, longe de qualquer
Pessoa, é ter que correr léguas

Sentindo o puro ar do infinito,
A lucidez de entardecer
E anoitecer com o bendito.

EVIDÊNCIAS

O tempo desmente as evidências,
Corrompe a natureza banal
Do verso com ou sem reticências.
Contemplo a coerência frugal

Das veredas repletas de ausências
Perfumadas pelo estro rural
De todas as inúteis cadências
Vitais. Sinto diante do mal

O medo taciturno dos ímpetos
Agregados aos nobres afetos,
A força verdadeira das cegas

Atitudes que de tão piegas
Afunilam intensos segredos
Carcomidos por tolos enredos.

O CAIS

O cais jamais chegado traz
A paz tenaz ao meu fugaz
Ardor de pôr algum fervor
Num coração onde o torpor

Circula forte e coagula
A gula de viver, a nula
Expectativa da assertiva
Viva de toda construtiva

Intuição. A vocação
É a coesão da sensação
Que escorre livre, mas socorre

A ilusão de uma aparição
Boba, a fricção da mão em vão
Que corre apática e não morre.

SILÊNCIO VOCAL

Teu peito encarcerado em ti mesmo
Amargura o silêncio vocal
Dos instintos sutis. Lutas, a esmo,
Procurando encontrar-te no aval

Das incertezas que repercutem
Na tua solidão divagante.
Aflitos diálogos discutem
A mesmice de tudo, a ultrajante

Necessidade solta nos medos
Pluralmente dispersos em lêvedos
Sentimentos impuros, afeitos

À teatralidade da vida,
À capenga ilusão esquecida
Nos entraves dos sonhos desfeitos.

DESENTENDEU-SE

Desentendeu-se, faleceu
De tédio, foi-se para o céu
Dos sóis. Viu-se, de novo, ao léu,
Errante humano, ímpio plebeu

Arelado ao que se perdeu
De paz nos rostos sem o véu
Da maldade. Ímpar, fez-se réu
Das contingências, padeceu

Nas percepções celestiais.
Morreu, sutil, mais uma vez.
Prosseguiu nessas desiguais

Intenções póstumias, nos ais
Silenciosos e desfez
Prantos hostis, fenomenais.

NOITES

Noites dissolvem velhos pensamentos,
Recriam as imagens avoengas
Dos medos ruidosos. Elementos
Singulares descobrem as pendengas

Desconexas das simples criaturas
Abraçadas por sentidos viscerais.
Espiritualmente temos duras
Batalhas a vencer, contextuais

Desejos ruminando nos estômagos
Do tempo, desiguais modos de achar
Os eólicos breus desses estragos

Causados através das ventanias
Que se propagam vivas ao luar,
Que desmoronam as casas dos párias.

ATADO

Estou atado às incompreensões,
Aos vícios eternos das ilações
Reais. Sucumbo ante ternos perdões
Étéreos, surpresas que unem visões

Renhidas. Pegadas fragmentam tontos
Caminhos avaros, meros confrontos
Irmãos das sentenças falhas em pontos
Bem próximos dos indivíduos prontos

Pra amarem a débil perturbação
Cansada. Neurônios estão no sótão
Das mentes entregues a hesitação

Normal dos combates amedrontados.
Temores retocam lábios calados,
Contêm o asco dos nervos abalados.

ESSÊNCIAS

A vida desloca-se nas essências
Dos passos refeitos na escuridão.
Segredos desunem as aparências,
Refazem instantes, acham a mão

Arteira das vívidas convergências
Buscando os fenômenos da ilusão.
Intuitos agrupam inseqüências,
Retornam aos córregos pela ação

Humana daqueles contentamentos
Dispersos nos âmagos isolados.
Visíveis apelos descontrolados

Aumentam o peso desses intentos
Que cercam propósitos ajuntados
Na firme conduta dos desalmados.

PORÇÕES

Porções de penúrias atraem rugas
Atrozes, mortalhas incandescentes
Brilhando através das abertas fugas
Contínuas. O peso dos atraentes

Marasmos patéticos refaz tácitos
Inteiros problemas visionários,
Conduz a beleza pelos conflitos
Plurais, instigantes, desses hilários

Esboços traçados por influentes
Cabeças ausentes do mundo em gratos
Olhares totais. Muitos artefatos

No espírito criam as decadentes
Idéias obtidas nas mentes vívidas
Num sôfrego amor de reações tímidas.

VERSOS

Versos consomem-me, congregam
Meus irreais sentidos atônitos.
São desestímulos agregam
As disfunções de alguns conflitos

Pululando em ritmos difusos.
Ligeiros atos reciclados
Na dor norteiam os abusos
Das almas presas aos ilhados

Espaços mortos de si mesmas.
Somos antigas velhas lesmas
Seguindo sem prumo no rumo

Da perfeição, seres abertos
Às tempestades, aos incertos
Conhecimentos de todo humo.

TORMENTOS

Tormentos aglutinam os pecatos
Vestígios que nos fundem aos ilhados
Momentos totalmente alicerçados
Nos dissabores. Há bastantes fatos

Invadindo os espaços siderais
Das coisas flutuantes, construídas
Com as mãos do destino. Envelhecidas
Sensações adormecem nos sinais

Virtuais dos ensejos deslocados
Nessas reminiscências insensatas.
Vacilos momentâneos, ajustados

Às imprecisões, tornam os alentos
Mais plenos em litúrgicas cantatas
Dispersas nos minúsculos intentos

QUANDO TU CALAS

Quando tu calas sinto em ti
A presença ínvia dos sentidos
Que abraçam minha pena. Se
Tens olhos soltos, comovidos,

Deves conter na alma o sagüi
Errante nos vales perdidos
Dessas florestas cheias de
Vida e silêncios. Incontidos

Laços humanos unem teus
Cansaços rítmicos, são breus
Fluindo na solidez lúdica

Das reações atemporais
Do mundo, anosos rituais
Enfeitiçados numa fé única.

PSICOSES

Psicoses voluntárias trazem místicas
Deliberações aos tensos apelos
Que nos ensinam a tocar raros celos
Desafinados. Dóceis canções plácidas

Determinam os tons das altruísticas
Sandices glaciais, tornam os gelos
De nosso mundo interno em dismantelos
Dúbios. Loucas noções descobrem vívidas

Maneiras de fugirmos das angústias
E mantermos no espírito as astúcias
Sem convicção de eólicas virtudes

Chatas. Corremos a vida toda em
Uma pressa disforme, suja, sem
Inspiração, repleta de atos rudes.

INTERMITÊNCIA

A intermitência dos virtuais
Ensejos redefinem plurais
Olhares atracados ao cais
Das insatisfações. Surreais

Raciocínios vêm, magistrais,
Englobando a doçura dos mais
Puros conhecimentos. Frugais
Percepções aglutinam os ais

Do mundo todo, tornam reais
Os gestos reciclados tais quais
As nobres conjunturas normais

Que nada ensinam ou dizem. Sais
Adoçam o sabor das rurais
Sensações atuais, joviais.

MORREU

Morreu de amar, dissociou-se
Das suas próprias convicções.
Não se venceu, divorciou-se
Da solidão, porém, ações

Extras uniram-no a avoenga
Amiga de todas as horas.
Brigou com tudo numa arenga
Abissal, íntima. Viu floras

E faunas, mágicas, nascendo
E depois, únicas, morrendo.
Sorveu o aroma da saudade

Com a plural perplexidade
De quem ouviu as ressonâncias
Dos ecos livres das ganâncias.

POEMA INSANO

Polidos modos atrelados
Aos traços vãos, sorrisos fracos
Moldados nos rostos marcados
Pelos silêncios dos macacos.

Pólipos loucos indivíduos
Cansados, tortos, desunidos
Nos movimentos são, inócuos.
Típicos brados aguerridos,

Amados medos corriqueiros,
Sensos abertos, mandingueiros.
Suados laços afogados

Nos rios secos, poluídos,
Sujos, imundos, refundidos
Aos soltos córregos dos prados.

ACÚMULOS

Acúmulos de vazios, sonoros
Estímulos bem doentios. Perto
De tudo está o mímico desconcerto
Unido aos tenazes ímpares coros

Vagando no indício das confusões
Já céleres e bestiais. Explícitos
Anseios agrupam vários conflitos
Dispéticos, moldam as reuniões

De alguns movimentos exagerados,
Arrumam as malas da alta agonia
Partindo por vales desvinculados

De nossos espíritos. Afastados
Segundos enxergam a terapia
Insana das mentes jamais usadas.

ERGÁSTULOS

Ergástulos do espírito, nós
Díficeis de acertar, desesperos
Desunindo os soluços após
Tantas lágrimas nos destemperos

Do dia-a-dia. Humanos são sós,
Eternos animais não sinceros,
Crianças varrendo os sujos pós
De seus pés ancestrais, lero-leros

Cheios de ingratidão, viciosos
Caminhos imperfeitos, porosos
Juízos soltos nas dicções

Malditas, frágeis corações
Desmantelados, sombras tortas,
Sonsas mudanças meio mortas.

PERTENÇO

Pertenço ao improvável, a loucura
Corroída de incertos paradigmas
Taciturnos. Posuo alguns estigmas
Reciclados na tétrica impostura

Enfeitiçada de gostos insossos.
Construo os alicerces dos absurdos,
Revitalizo minhas dores nos fossos
Sem fundo de mim mesmo. Somos surdos

Homens de gritos secos, abalados
Pelo atropelo insano das visagens
Perdidas no horizonte em enfadados

Realces naturais. Meus destemidos
Ais proliferam no sonho as imagens
Perfeitas de quasímodos sons nítidos.

MOTINS

Impróprios motins chegam, aglutinam
Os desacertos do ser, desmotivam
Semblantes ajoujados pelas tensas
Imaginações livres das intensas

Posturas más. Verbais mentes atinam
As opiniões dos prantos que ativam
Confidências ocultas em imensas
Insanidades postas nas propensas

Ações sofisticadas. Sofrimentos
Libertam os sentidos, dão alentos
Para as divagações surpreendentes.

Minúcias cerebrais estabilizam
Os termômetros que conscientizam
Nossas necessidades iminentes.

CORREU RISCOS

Correu riscos pensando que um dia
Poderia vir a ser perfeito,
Reascendeu, doente, o defeito
Da chama sem gás. Viu a ousadia

Indiscreta das almas polidas
Nas constatações, nos abrasantes
Caminhos virtuais cheios de ávidas
Surpresas solitárias. Errantes

Sentidos burilaram-no em típicos
Achados psicodélicos, deram
Aos seus sorrisos os pesos tísicos

Das ocasiões tortas, uniram
Suas convicções tenras, prenderam
Todas as artimanhas que o abriram.

AINDA

Ainda dormimos no berço sujo
De toda possível imperfeição
Aguda. Perdemos o sonho em cujo
Teor derramamos nossa fração

Contínua de rápidas conclusões
Prensadas nas máquinas ajustadas
Por mãos inseguras, já nas prisões
Das ásperas índoles recatadas.

Estamos nos fracos desejos leigos,
Nas fases dantescas dos rostos meigos,
Nos tons improváveis das transições.

Alguma coisa única reconstrói
O tenso momento que se destrói
Em rápidas bobas observações.

TORRENTES

Torrentes de enigmáticas imagens
Ancestrais, atrações estarecidas,
Averiguações sísmicas, mensagens
Abaladas por lápides polidas

Nos desgostos da vida que se vai.
Surpresas desagregam o equilíbrio
Involuntário, o sonho distrai
As perspectivas num compasso sóbrio.

Atemporalidades rediscutem
As fantasias que jamais teremos,
Modificam os medos, repercutem

Nos meus distúrbios tísicos. Ternuras
Implodem velhas dores, nem sabemos
Ainda de nós mesmos, vãs figuras.

SOZINHOS CORAÇÕES

Sozinhos corações se perdem em
Indícios assustados, organizam
Os tormentos e sempre se humanizam
Percebendo que são sonhos além.

Dilaceradas fúrias redefinem
Sensações, as feridas cicatrizam
Ao léu. Contextos débeis pluralizam
Regurgitações álgidas, porém

Quentes de impaciências. Inverídicos
Conhecimentos tornam os pudicos
Seres desnorteados por intensos

Degredos viscerais. A rapidez
Dos intrigantes sisos vãos talvez
Distribua na alma ávidos tons tensos.

ARREPENDEU-SE

Arrependeu-se de ser gente,
Comoveu-se, em sossego, com
O decadente amor presente
Nos dias de hoje. Fez-se bom

Como os orvalhos matinais,
Enxergou, lúcido, as inúmeras
Sofridas vidas, animais
Querendo o pão das primaveras.

Duvidou das incoerências,
Penalizou-se pelos atos
Maus que o deixaram nas demências

Visionárias. Desuniu-se,
Articulou-se nos ingratos
Espaços pálidos, mentiu-se.

LARGAS VISÕES

Largas visões, deslocamentos
Dissimulados, negros modos
De encarar os isolamentos
Do ser. Atípicos engodos

Condicionam-nos aos lentos
Princípios díspares. Nos lodos
Dessas paredes vãs há atentos
Sinais de vida, meios cômodos

De vermos a força das eras
Em todas as nossas quimeras.
Somos risíveis criaturas

Acobertadas pelas duras
Provas reais do dia-a-dia,
Maldade que sempre se cria.

ENDEREÇO DO AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Antônio Santana Filho, 600
Centro
Petrolina/PE
56.300-000

Fones: (0**81) 861 47 52
(0**81) 861 11 50

E-mail: leao@uol.com.br

INFORMAÇÕES INTERESSANTES

- * Dio Fonseca é designer;
- * Jamesson Buarque é poeta e formado em Letras pela FFPP (Faculdade de Formação de Professores de Petrolina). Lançou em 1998 o livro de poemas *Os Delírios*;
- * J. Mildes é poeta e jornalista. É de sua autoria a letra da música *Lavadeiras do Angari* cuja melodia pertence a Edésio Santos que, com certeza, foi seu melhor intérprete;
- * O Clube dos Escritores de Piracicaba é uma entidade literária que engloba escritores de todas as partes do país e, inclusive, do exterior. Aroldo Ferreira Leão pertence ao Conselho Acadêmico ocupando a cadeira de nº 30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado;
- * Aroldo Ferreira Leão pertence também a UBE (União Brasileira dos Escritores) de São Paulo.

Apoio Cultural

Talentos Strategic Marketing

Gráfica Mandacaru

Clube dos Escritores Piracicaba

escritores brasileiros em Campinas/SP. Aroldo também escreve crônicas, contos, romances, textos para teatro. Em breve estará publicando seu primeiro livro de crônicas denominado *Silêncios Atemporais*, uma coletânea com 100 crônicas escritas em diversos jornais e revistas da região Petrolina/Juazeiro, entre os quais destaca: *Jornal Folha Verde*, *Jornal de Juazeiro*, *Correio do Sertão*(extinto), *Gazzeta Regional*, *Máscaras-Jornal de Artes*, *O Cerveja-Jornal*, *Revista Com Você*, *Art Pop Zine- Revista Cultural*, *Jornal do São Francisco* e *Jornal da Cidade*. O poeta possui um acervo com mais de 300 canções de sua própria autoria, nos estilos mais variados, passando pelo forró, samba, rock e já se prepara para este ano lançar seu primeiro CD intitulado *Sacolejos, Desejos, Manejos e Arpejos*, uma coletânea com 14 forrós que buscam dinamizar e melhorar o conceito desta espécie de música no país. Atualmente, Aroldo desempenha a função de Auditor Fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em Juazeiro/BA, desde março de 1994 após conseguir aprovação em concurso público realizado em outubro de 1993. A partir de outubro de 1998 passou a fazer parte do Conselho Acadêmico do *Clube dos Escritores Piracicaba*, ocupando a cadeira de nº30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado.

PROJETO GRÁFICO
DIAGRAMAÇÃO, ARTE FINAL

Talentos Strategic Marketing

Dio Fonseca

Fones: (0**74) 811 3703

(0**74) 9997 8607

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Jamesson Buarque

Fone:

IMPRESSÃO

Gráfica Mandacaru

Rua São Vicente de Paula, 119

Centro

Petrolina - PE

Fonefax: (0**81) 861 1761

(0**81) 862 1256

LANÇAMENTO

Clube dos Escritores Piracicaba

Rua Jacob Diehl, 77

Fonefax: (0**19) 433 8568

Piracicaba - SP

COPYRIGHT©AROLD FERREIRA LEÃO

Impresso no Brasil - 1999

rima branca. Independente da forma que se apresenta, mesmo ciente de que sempre formal é o soneto, a sua chama de atenção me é reportada pelo *enjambement*, que Rimbaud e Jorge de Lima tão bem praticaram, a exemplo. contudo, não tão avultamente quanto nosso Aroldo Ferreira Leão. Aroldo, expressivamente geométrico qual os poetas cubistas (Pessoa, *a priori*) e duma matematicidade filosófica notória deixa isso bem determinado em a *janela do sótão*, sua penúltima coletânea de sonetos.

A morte
Sem norte
Nem sul
É azul

Escura.
A agrura
Do medo
Vem cedo

No mar
De um ímpar
Desejo

Parado
No nado
Adejo. (*A morte in a janela do sótão*, p. 86)

Jamesson Buarque

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

869.1
L438h LEÃO, Aroldo Ferreira, 1967 -
Harmonia Dissonante / Aroldo Ferreira Leão -
Petrolina: Gráfica Mandacaru, 1999.
124p;il.,(Biblioteca da Fac. de Form. de
Professores de Petrolina / PE; Poesia, 7)

1. Poesia Brasileira. I. Título.

MGBS-BFFPP CDD-869.1
 CDU-869.0(81)1

ISBN 99-0001

Índice para Catálogo Sistemático

- 1.Poesia: Século 20: Literatura Brasileira 869.1
- 2.Século 20: Poesia: Literatura Brasileira 869.1

INDIGESTOS	79
ATADO	80
SOCIEDADE	81
DESENTENDEU-SE	82
DIAS DE CHUVA	83
O CAIS	84
MERO ANIMAL	85
QUERIA	86
INCERTA INTENÇÃO.....	87
RESÍDUOS	88
PROSSIGO	89
HUMANOS	90
TODOS	91
PAISAGEM	92
A POESIA	93
EXPLORO	94
CABAIS MELANCOLIAS	95
PROSSEGUIR	96
ÊXODOS EVASIVOS	97
PERSISTÊNCIA	98
IMPRECISOS SEGUNDOS	99
DESTEMPERO	100
HÁ	101
SUSTOS	102
RESSSENTIMENTOS	103
METICULAÇÕES	104
REFLEXOS	105
DISTANTE DE MIM	106
PERTO DO FIM	107
BEM SABES	108
SECRETOS SENSOS	109
NOBRES ANGÚSTIAS	110
A VIDA PASSOU	111
DIVAGAÇÕES.....	112
TUA ALMA	113
CANSADO	114

*... Uma saudade enorme, come
Deita e dorme no meu coração.
Remédio indicado pra quem está errado
É pedir perdão.
... Nossa conversa linda tem segredo
Ainda para um século ou mais.*

LUÍS BANDEIRA

*A vida que me cerca não é vida.
É a morte travestida...
Quase sempre disfarçada.
É uma colcha de retalhos
Composta por mil atalhos
Cujo fim é sempre o nada.*

SILVÉRIO DA COSTA

*... Abacateiro serás meu parceiro solitário
Neste itinerário de leveza pelo ar.*

GILBERTO GIL

*Sim, deve haver o perdão para mim.
Se não nem sei qual será o meu fim.*

CARTOLA

*Em Mangueira quando morre um poeta
Todos choram.
Vivo tranquilo em Mangueira porque
Sei que alguém há de chorar quando eu morrer.*

NÉLSON CAVAQUINHO

ÍNDICE

BIOGRAFIA	07
PREFÁCIO	09
APRESENTAÇÃO	11
HARMONIA DISSONANTE	13
PASSO A PASSO	15
MINHA CORRERIA	16
SEMPRE	17
PRESENÇA DISFORME	18
INÓXIOS SENTIMENTOS	19
PASSEIO	20
EU	21
INTUIÇÃO	22
PARTIRAM-SE	23
TORMENTOS	24
COMUTAÇÃO.....	25
ENQUANTO	26
O TÉDIO.....	27
PRESSÁGIOS	28
DESCULPOU-SE	29
PELO TANTO	30
VIA-SE	31
SOU	32
NAQUILO	33
CAMINHOS FECHADOS	34
EVIDÊNCIAS	35
ESPANTADO	36
SILÊNCIO VOCAL	37
VERDADEIRO	38
NOITES	39
COESÃO	40
ESSÊNCIAS	41
VELHO APERREIO	42
VERSOS	43

- c) *Poética Ribeirinha*,
Antologia Literária de Petrolina - 1995,
Elisabet Gonçalves Moreira
Universidade de Pernambuco, Recife/PE, 1998;
- d) *Opúsculo do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba*,
C.N. Editora, Piracicaba/SP, 1998;
- e) *I Antologia Nau Literária*,
Editora Komedi, Campinas/SP, 1999.

III. LIVROS A PUBLICAR

- a) Impactos Azuis (Poesia)
- b) O Espelho dos Labirintos (Poesia)
- c) A Alquimia do Impreciso (Poesia)
- d) Silêncios Atemporais (Crônicas)
- e) O Quarto de Teobaldo (Conto-Romance)
- f) O Incerto Tom das Quimeras (Crônicas)
- g) Os Olhos da Solidão (Poesia)
- h) O Hálito da Aurora (Poesia)
- i) Vestígios do Infinito (Contos)
- j) A Trilogia da Dor - Parte Final (Poesia)
- l) A Correria do Nada (Poesia)

TUA ALMA

Tua alma esperneia em ti no centro
Das indagações que te abrem, dentro
Do teu corpo fadado ao vulgar
Distúrbio preenchido pelo ar

Sonoro dos momentos silentes.
Existem nos teus laços ardentes
As prisões por nada, os fingimentos
Coerentes de alguém com tormentos

Modificados pela ternura
Atrelada ao real coração
Amarfanhado por uma usura

Idiota. Remotas clarezas
Iluminam as linhas no chão
Da recordação vil, sem certezas.

das aberturas dos poemas que compõem este seu sétimo livro. E esta mesma leitura o leitor poderá fazer no *texto* que me foi possível montar utilizando os títulos de parte das poesias desta sua obra. Vejamos:

“EU SOU SEMPRE(inquiridor de)
PRESSÁGIOS, (da) PRESENÇA DISFORME (de)
TORMENTOS O TÉDIO!

MINHA CORRERIA PROVOCA CABAIS
MELANCOLIAS (e) SECRETOS SENSOS,
VERDADEIRO SILÊNCIO VOCAL!

EXPLORO A POESIA PASSO A PASSO;
PASSEIO ESPANTADO (pelas) ESSÊNCIAS (das)
EVIDÊNCIAS (dos) CAMINHOS FECHADOS,
ENQUANTO PROSSIGO (em) DIVAGAÇÕES,
INÓXIOS SENTIMENTOS (de) ÊXODOS EVASIVOS.
(Sou) REFLEXOS (da) PERSISTÊNCIA (de) TODOS
(os) HUMANOS!”

Não é à toa que este seja o sétimo livro do poeta Leão. 7 é número cabalístico de afirmação esotérica, *portal de entrada* para um novo ciclo que bem poderá ser o seu encontro com a fonte desvendadora de mistérios!

Planeta Azul. Uma segunda-feira de verão.

J. MILDES

A VIDA PASSOU

A vida passou por ti, procuraste
Respirar esses ares tortuosos
Dos loucos vendavais meio porosos.
Sofreste pela vida que forjaste,

Algo retirou de tuas entranhas
As artes cavernosas das sentenças
Extraviadas em fortes doenças
Fugidias. Sincopadas artimanhas

Entrelaçaram teu abandonado
Espírito, mudaram o afastado
Sonho magnetizado por conselhos

Fatalistas. Monótonas tendências
Aglutinaram parvas convergências
Totalmente espalhadas nos tons velhos.

meu sexto livro, *A Janela do Sótão*, onde há cem sonetos metrificados de uma a sete sílabas. Então, em *Harmonia Dissonante*, amplio o conceito criativo do soneto de oito a dez sílabas e no livro, que brevemente será publicado, *A Alquimia do Impreciso*, crio cem sonetos que recebem metrificação de onze e doze sílabas, fechando, dessa forma, o ciclo dos sonetos clássicos na forma italiana (dois quartetos e dois tercetos). Pretendo lançar também livros com sonetos livres, sonetos clássicos na forma inglesa (três quadras e um dístico), sonetos clássicos na forma espanhola (dois tercetos e dois quartetos) perfazendo a casa dos mil sonetos lançados entre todas as formas acima citadas. Acredito que, a partir de todas essas criações, eu possa estar contribuindo, sem qualquer demagogia, com o enriquecimento literário de nossa língua. O tempo dirá se sim ou se não. O tempo sempre nos acha soltos em nossas angústias e imperfeições, nos modela com os pincéis da vida que nos sucumbe, nos visualiza na dor apressada e esquizofrênica dos dias atuais. O tempo é a vida e a morte de tudo.

O Autor

SECRETOS SENSOS

Secretos sentidos paralisam
O irretratável, ventos visam
Balançar as redes pendentes
Da ilusão. Mentis decadentes

Procuram certas coerências
Dispersas em tolas carências
Ilustrativas. Indomados
Degredos podam os enfados

Tipicamente divididos
Pelos fragmentos parecidos
Com a perene sensação

Estarrecida. Visuais
Limites bem paradoxais
Congregam nossa atenção.

PERTO DO FIM

Perto do fim o início tem
Começo, lágrimas refletem
A eterna luta de quem
Recria dentro de si a além

Vontade da alma a percorrer
Incoerentes vícios. Ser
Tudo atrai a dor de perder
Instantes lúdicos e ter

Que entender vastas emoções
Desvinculadas das tensões
Íntimas tão cheias de ações

Primordiais. Desconcertantes
Conceitos mui itinerantes
Traçam perfis intolerantes.

MINHA CORRERIA

A minha correria descansa
No meu coração, flui na demência
Impaciente da questão mansa
Vinda na brevidade da essência

De qualquer lucidez. Guardo os brados
Pardos que chegarão na anuência
Dos sentidos unidos aos fados
Cantados pelas vozes da ausência,

Redescubro os momentos arfados
Na agonia reinante da ardência
Das azias concisas. Bailados

Atemporais constroem a dança
Universal da doce cadência
Rica de ações já sem aliança.

REFLEXOS

Reflexos do tempo nos ermos
Silêncios frágeis formam termos
Invariáveis, realizam
Os sonhos que teatralizam

Nossas farsantes presunções
Sisudas. Rôo assombrações
E visuais consensos rústicos,
Atrelo-me aos males acústicos,

Passeio por conhecimentos
Associados às vigílias
Unificadas nas azias

Vindas nos quentes elementos
Mantidos num inchado estômago
Através de algo em que me estrago.

PRESENÇA DISFORME

A presença disforme dos instantes
Fragmenta as esperanças, trai infantes
Sentimentos perdidos em pedantes
Gestos cantarolados nas distantes

Paisagens vinculadas às errantes
Montanhas descontínuas, abrasantes.
Inanimados ventos sopram antes
E depois das razões tonitruantes.

Quasímodas maneiras inconstantes
Refazem os distúrbios conflitantes
Que nos deixam inúteis, intratantes.

Visões irrefutáveis são jusantes
Chegando nas ações alucinantes
Dos desencontros plenos, ruminantes.

RESSENTIMENTOS

Ressentimentos incendeiam
Acasos presos aos quebrantos,
Isolam as sombras dos mantos
Da escuridão, vêm, permeiam

Distantes vidas diluídas
Nas convicções. Relapidadas
Conveniências unem dadas
Teses cortadas por sentidas

Indiferenças, desconhecem
Lúgubres tons ancestrais, tecem
As artimanhas dos injustos.

Insanidades dialogam
Com os mistérios, desafogam
Certos cansaços dos vetustos.

PASSEIO

Passeio pelo inconsciente,
Reflito sobre o inexistente.
Recorro, tenso, ao comovente
Apelo nobre que candente

Traz o sutil elo pendente
Pro destemido ato plangente.
Algo acelera a confluyente
Noção aberta no fluente

Rio dos sons. Infelizmente
Sou imperfeito, decadente.
Aprisiono a una demente

Impressão rota e totalmente
Insegura. O asco do olhar rente
A dor fulmina o instante urente.

HÁ

Há os que não têm ninguém, outros têm, mas,
Vivem a solidão das sombras. Muitos
Têm e não têm, diluem seus fortuitos
Amores, em ligeiros dolos, nas

Vibrantes ilusões tão corporais.
Existenciais tatos armazenam
Confusas abstrações parvas, acenam
Para os temperamentos anormais.

Sugestivos disparates carinhosos
Retocam a harmonia dos decorosos
Rostos bem performáticos, ligados

Aos consensos brilhantes, às fusões
Arquitetadas por constatações
Simples, aos sentimentos mais errados.

INTUIÇÃO

A intuição despenteada
Olha a agonia do movimento
Distribuído na abafada
Convicção tosca e sem alento.

A morte cria o absurdo roto,
O desgosto íntimo do instante
Paralisado numa foto
Tirada à luz da confiante

Introspecção desajeitada.
O tempo ignora a sina alada
Dos bons espíritos nas garras

Do consumismo universal.
Estamos todos no irreal,
Na fuga perra, sem amarras.

IMPRECISOS SEGUNDOS

Imprecisos segundos fatalizam
O inesperado, tombam adiante
Diante de um futuro acachapante.
Vontades aglutinam-nos, deslizam

Nos reencontros, fundem-nos ao módico
Fingimento acoitado pelo rápido
Toque de mãos matreiras. O impudico
Sentimento, que nos corta num ríspido

Desconforto mundano, magnetiza
O imprudência, o fulgor que centraliza
As evidências curvas da didática

Assombração criada por vultosos
Desarranjos libertos dos ditosos
Intuitos ajustados à dor tática.

TORMENTOS

Tormentos dizem que possuem
No espírito o sonho imperfeito
Do cidadão humano, inócuo.
Viajo pelo olhar suspeito

Do pensamento em que flutuo
Procurando o velho conceito
Torto de estar em tudo. Atuo
No sincopado alheio leito

Das ilusões, abraço a dor
Com a energia de quem sente
Em si a demente incoerente

Percepção lúdica, maior
Que alguns silêncios burilados
Nos dias mais desencantados.

ÊXODOS EVASIVOS

Êxodos evasivos contêm
Monotonias vívidas, vêm
Chegando num ritmo hábil, sestroso.
Viagens longas deixam o anoso

Lodo do esquecimento nos lívidos
Descampados sequer percorridos.
Valiosos conceitos difusos
Cegam certos olhares confusos,

Veiculam canções com rés, dós,
Sublimes e congregam no cós
Das calças da verdade a cintura

Das fustigações que fundamentam
Os elos usuais, apoquentam
A incongruência de uma loucura.

ENQUANTO

E enquanto tu seguias eu ficava
Com minha solidão, silenciava
Meus ávidos instintos, procurava
Os elos transtornados do que estava

Perturbando teus sonhos,
mendigava
O fenômeno cíclico da trava
Irreal da alma que se apoquentava
No drama do dia-a-dia, deixava

Para trás o fim de quem espiava
O ocaso de uma forma bem eslava,
Refazia em paz a sisuda cava

Que resplandecia e me retratava
Na cadência das coisas, procurava
Associar o senso que me atava.

CABAIS MELANCOLIAS

Amarguras, cabais melancolias
Retiraram-no da realidade,
Deixaram-no sozinho nas inércias
De toda nostalgia sem idade.

Desconexas atônitas maneiras
De viver reduziram-no aos pacíficos
Planos de um dia, quem sabe, em certeiras
Atitudes, vencer os males típicos

Que o atormentaram. Só constantemente,
Descobriu-se maduro pra silente
Vocação de um menino descontente.

Debruçou-se sobre esses parapeitos
Das janelas do além, nalguns defeitos
Multiformes, parvos e suspeitos.

PRESSÁGIOS

O poeta vem, claro de presságios,
E se dilui nos hábitos, procura
A tonante noção que descostura
As imprecisões. Típicos adágios

Desmentem suas lágrimas na escura
Vocação de um ser solto em apanágios
Minimalistas. Próximos contágios
Enterram o óbvio e põe a futura

Doença de querer eternamente
Versejar nas mãos dos pactos malsãos.
Indícios generosos contêm sãos

Ímpetos que aceleram a atraente
Visão reformulada pelas gratas
Mudanças asquerosas, insensatas.

A POESIA

A poesia é meu alimento.
Vôo na direção da beleza
Eterna, procuro a realeza
Dos mistérios, o absorto rebento

Que me trará a altivez da humildade.
Os versos investigam-me, querem
O silêncio maior dos que ferem
A si próprios com a claridade

Dos sóis fantasiados de luas.
O poema é a atenção de contínuas
Mentes entrelaçando-se, cruas,

Associando prantos, temores
Desgovernados por incolores
Ações esmiuçadas nas flores.

PELO TANTO

Pelo tanto de amor que se perdeu
Dos teus olhos e uniu prudentes velhos
Presentimentos vívidos. Pelo eu
Que desequilibrou certos pares

Movimentos ingratos transformando
A alma em torpes cadências inumanas,
Pelo abandono múltiplo do brando
Envolvimento cheio de planas

Percepções intuitivas. Pelo teu
Profundo dissabor sempre buscando
A estrada que jamais te será dita,

Pelo instante do tímido sandeu
Atrapalhado em si mesmo sambando
De uma maneira tosca mas bendita.

TODOS

Todos destroem a todos, quem
Há de sobreviver no terror
Espiritual de hoje, na dor
Ilimitada que não convém

A ninguém, no covil de abnegados
Chorando em desespero contínuo?!
Contudentes absurdos, num fátuo
Momento de avidez , têm parados

Sinais virtuais soltos nos sólidos
Contentamentos fracos. Contidos
Propósitos derramam na sã

Perspectiva a terrena ilusão
De um imodesto fato malsão,
Tosco, nascido numa manhã.

SOU

Sou uma espécie de atropelos,
Sinceros portos mortos. Me unto
Com os sons ternos do conjunto
Vocal do espírito, vejo eles

Invadindo os prismas singelos
Da alma vil livre do defunto
Próprio. Desloco-me no assunto
Difuso, entendo os apelos

Dos corações mais solitários.
Consumações rondam-me em vários
Estágios, pousam nas aparências

Que nos confundem como sócias
Mal parecidos com o fútil
Movimento ante a dor inútil.

PROSSIGO

Prossigo só, meus versos sabem
Disso. Duvido desses seres
Sem amor, dos sonhos que cabem
Na palma da mão. Meus deveres

Para com o mundo padecem
Na minha vã desarmonia
Vital, nos medos que apodrecem
Alguma tísica ousadia

Com o pavor das agonias
Viscerais. Venho das histórias
Jamais contadas, concretizo

Inutilmente os almejados
Fins por mim já sempre esperados,
Estou no ermo e nele deslizo.

CAMINHOS FECHADOS

Caminhos que se fecham, desniveis
Acelerados nos modos fúteis
De encararmos algumas horríveis
Coisas. Visões perturbam os táteis

Soluços de um dedo em
compatíveis
Gestos dualizados. Arráteis
Medidas da dor checam visíveis
Sinais afugentados, dizíveis

Palavras meteóricas, dóceis
Caricaturas de velhos fósseis
Humanos. Todos nós temos seis

Sentidos a roubar nossas fáceis
Deduções abissais pelas leis
Dos livros que jamais vós releis.

INCERTA INTENÇÃO

Diluído na incerta intenção
Que modificou minhas atentas
Decisões declináveis, sou lentas
Conquistas levianas. Então,

Entenda-se, não presto. Ermitão
Inveterado, dores isentas
Formam essas batalhas sangrentas
Diante das quais vivo a função

De procurar-me e nunca me ater
Às inconstâncias do meu espírito.
Fragmentos de sossego vêm ver

O aperreio mascado, latente,
Das apoquentações de um maldito
Langor juntado ao que está ausente.

ESPANTADO

Espantado com as indagações
Viscerais dos desejos, atrelado
Às contundências tolas das razões
Impuras, controlado pelo lado

Empírico daquelas pretensões
Sacrossantas, sentiu-se maltratado,
Indignado, discrente, sem canções
Para acalentar seu ser apressado.

Movimentou-se nas intuições,
Não percebeu a tempo as convicções
Dos outros. Reviu, tolo e desajeitado,

As muitas variadas impressões
Mantidas sob a luz das ilusões,
Sucumbidas no verso atafalhado.

MERO ANIMAL

Átomos, células, moléculas,
O homem mantém-se solitário,
Mero animal com várias féculas
Rondando seu imaginário

Pensante. Díspare, tentado
A cometer erros eternos,
Acobertado pelo enfado,
Vincula-se aos olhos maternos

De um jeito sempre apiedado.
Pressente, logo, o inusitado,
A dissipada disciplina

Que, num tonto ímpeto, afunila
Sonsos desterros e aniquila
O atrevimento que o domina.

VERDADEIRO

O verdadeiro sonho atrai
O sublime, o almejado haicai
Criado com o vem e vai
Das coisas. A saudade sai

Pelas esquinas e distrai
O olho, de alguém, que se contrai
Candidamente tímido. Ai
De nós, anímicos, sem pai

Nem mãe, sós, fúteis, sujos: Cai
Sobre o desejo que retrai
Nossos sentidos o elo que trai

A maldição do ínvio banzai
Desajustado. O homem extrai
De si os segredos de um xangai.

DIAS DE CHUVA

Dias de chuva têm os hábitos
Que apaziguam velhos gritos
Interiores, breves ritos
Adocicados pelos mitos

Da hipocrisia deste mundo
Nosso. Há o mistério profundo
Cercando as gotas num rotundo
Movimento alvo de um imundo

Testemunhar desvinculado
Dos vendavais, atormentado
Pelo poder tosco do brado

Inadequado. Águas possuem
A sutileza de quem vem
Chegando num bailado zen.

COESÃO

Comprometeu-se com a coesão
Dos sentimentos postos na fusão
Intinerante da constatação
Abafada pela alva convicção

Das noções reles, más. Toda visão
Expande, retrai, nossa hirta alusão
Ao barulho da frágil sensação
Retratada em alguma reação

Enérgica dos ecos nos vazios...
Isolou-se pensando nesses frios
Glaciais, procurando os armistícios

Fatigantes dos pactos moderados
Modelados nos eitos acoplados
Dos lugares perdidos, desazados.

SOCIEDADE

Nossa sociedade corrompe
A todos, até mesmo a ela própria.
Má, estúpida, cobra a dor inglória
Do bom cidadão, perde-nos, rompe

Com os amores puros. Tirana,
Busca atrapalhar os mais fraternos
Sonhos, deseja que os hodiernos
Dias sejam vividos na insana

Luta pelo alimento, saúde,
Vestuário, trabalho. A virtude,
A conduta correta é esquecida

Em prol de uma anormal violência
Que traz o desespero, a demência
Pra quem, cordial, quer paz na vida.

VELHO APERREIO

A alma soluça no velho aperreio
De sempre, procura o desconhecido,
A meta inatingível, o oco enleio
Reproduzido no semblante lívido,

A força que produz as amarguras,
A saudade de todos os momentos,
O amor ilimitado que traz puras
Situações aos típicos alentos

De nossos corações impacientes,
As maneiras complexas de vivermos
Sem nos acharmos, os sobreviventes

Estímulos provindos dos famintos
Instintos difundidos pelos ermos
Cíclicos das prisões nos labirintos.

INDIGESTOS

Espaços preenchem meus indigestos
Vazios com a dor das ignorâncias.
Intactos passados destroem restos
De ânimos presentes, futuras vias

De tráfeos límpidos e serenos.
Impróprias ações refutam as dádivas
Que crivam no ser coesos fenômenos
Ligados aos tatos das coisas vivas.

Incensos perfumam minha secreta
Tensão uniforme, tornam-me asceta
Escuro, notívago. Balbucio

Nas horas querendo vastos limites
Ocultos, astutos simples palpites
Cingidos por mentes num ato sóbrio.

IRRESOLUTO

Irresolutos tinos vis
Nada contêm, desaceleram
As contingências, chegam, geram
Os dissabores mais hostis.

O mundo voa pelos ares,
Continuamos imperfeitos.
O sol brilha e nossos defeitos
Apenas nos tornam vulgares,

Cidadãos pouco habituados
Com a beleza dos alados
Sonhos humildes, vinculados

Aos corações sempre sinceros.
Viver cria os ímpetos meros,
Recicla intuitos e entreveros.

OS DIAS

Os dias necessitam dos vestígios
De nossas imprudências, recolocam
Nas entranhas limites e solstícios
Que de tão permanentes realocam

As transformações da alma num casebre
Humildemente feito de bondade.
Temporais depressivos têm a febre
Das imperfeições, a complexidade

Esquisita dos loucos pormenores
Incontestáveis. São enormes dores
Consumindo o planeta, vis pavores

Rondando a existência íntima das fortes
Emoções retratadas pelos cortes
Opacos dos ardis sentidos das mortes.

CORTES

Cortes na alma unem os mistérios
De cada um de nós, são complexos
Intentos psíquicos, amplexos
Sem braços, métodos bem sérios

De encarar a realidade.
Vagos espíritos procuram
As circunstâncias da dor, curam
Seus próprios males na verdade

Que ainda nem conhecem. Fatos
Desequilibram, atormentam
As percepções turvas dos tatos

Desintegrados na avidez
Ignóbil das mentes que inventam
Fugas e algum sonho soez.

PRETENDIA

Pretendia vencer o imponderado
Lado de tantas lutas sem quaisquer
Sentidos, o pavor desajeitado
Das inconveniências. Tinha o ser

Entregue às tempestades, ao polido
Instinto navegante dos atores
Atrapalhados com o dividido
Gesto representado pelas cores

Das incertezas. Via a lucidez
Dos semblantes sutis, alimentados
Pela insensatez de quem se desfez

Em lágrimas e pra sempre sentiu
Na pele o efeito meigo dos calados
Afetos que a ninguém desiludiu.

FLUIDOS ATOS

Fluidos atos malsãos, insensatos
Métodos de espalhar pelos poros
As inseguras forças dos choros
Sem necessidade. Ébrios abstratos

Poemas modificam ingratos
Ruídos ressoando nos coros
De vozes inauditas. Canoros
Pássaros sobrevoam, intatos,

Vales, campos, estradas, caminhos
Procurando os abrigos dos portos
Abandonados pelos sozinhos

Marinheiros serenos, inúteis.
O universo dá abrigo a seus mortos
E vivos, torna as coisas duráveis.

PÁLIDA FACE

Tua pálida face reflete
Aflições bem reais, perigosos
Esforços disfarçados na inerte
Impressão concentrada em idosos

Pensamentos surgidos no intenso
Agrupamento de átomos postos
Num corpo frágil, néscio, imenso
De argumentos e tolos desgostos.

Decisões refutáveis desviam
Os ruídos que nos aliviam
Das mesmices totais, corriqueiras.

Intuitos fatalizam os medos,
Congregam nossos parques segredos,
Desmantelam as coisas inteiras.

TUA DOR

Tua dor olha-te em deslize,
Traduz teu vácuo solitário,
Torna-te triste, salafrário
De emoções torpes. Na valise

Do tempo estás, quem concretize
Seus próprios sonhos buscas, vário
E inconcistente. Tu és hilário,
Uma silente incerta crise

Testemunhada pelos escuros
Que te dominam. Há monturos
Invadindo, em degredos trágicos,

O esconderijo refratário
Desses sobejos no contrário
Movimento híbrido, sem tópicos.

SEGUIR

E seguir sem saber para onde,
E manter nos olhos a incerta
Dúvida que provoca, aperta
O coração indo num bonde

Por quaisquer trilhos metafísicos.
E duvidar desses instantes
Desagregados, refutantes,
E buscar dentro dos empíricos

Gestos normais os desmantelos
Inerciais de algumas cíclicas
Aparições. E crer nos elos

Que impacientam nossos laços
Hereditários em políticas
Associadas aos bagaços.

LIMITES PACÍFICOS

A dor eterniza as esperanças,
Redescobre limites pacíficos,
Indícios pontuados em líricos
Sinais vindos nos sons das andanças

Pelas estradas calmas. Heranças
Da alma procuram sempre fluídicos
Pensamentos lançados dos místicos
Montes naturalmente. Bonanças

Refazem o equilíbrio dos justos,
Controlam mecanismos adustos
No terreno sagrado das fossas

De um Edgar Allan Poe. Temos nossas
Inúmeras razões de mantermos
Em nós tudo e nem nos conhecermos.

SEDIMENTOS

Sedimentos da dor, elementos
Agourentos lançados à sorte
Dos inválidos, táteis intentos
Reagrupando o insólito corte

Profundamente sôfrego. Ventos
Derrubam os pesares, a morte
Que estanca ocas sangrias, os lentos
Passos de alguém elétrico, forte.

Estranhas contundências descobrem
As metas isoladas, encobrem
O silêncio prudente dos pés

Flutuando no inóspito chão
Abarrotado de pedras tão
Pontudas quanto o olhar de viés.

NÃO SABES

Não sabes de ti, de nada sabes.
Tu, impiedosamente, não cabes
Nas tuas agonias. Tens ávidos
Temores perturbando os sentidos,

Gerando divisões. Mesmo que babes
Teu talento invulgar e te gabes
De possuí-lo vens dos partidos
Destinos compactados, contidos.

Ninguém entenderá esses suplícios
Que avançam sobre temas propícios
A criação de tantas agruras.

A recordação das desventuras
Retira das montanhas os vãos
Mantidos firmes pelos enjões.

REAÇÃO TÍMIDA

Navego numa solidão
Compreensiva, distribuo,
Com efusão, a reação
Tímida do ermo fogo-fátuo

Sepulcral, solto na noção
Alveolar do caso inócuo.
Casulos se abrem à visão
Imponderada desse vácuo

Que nos fulmina livremente.
Prisões algemam os estros
Mais insolúveis em canhestros

Deslocamentos. O atraente
Pulsar das íntimas ações
Más produz hirtas percepções.

ANTES E DEPOIS

O antes e o depois trazem saudades
Assisadas, acendem a turva
Ocasão discreta. Na curva
De alguns pressentimentos, há a idade

Dos ventos, os segredos raptados
Das névoas de toda hirta manhã
Desassistida pela luz vã
Desses sóis não centrais, afastados

Dos sôfregos sinais planetários.
Universos estão englobados
Por mistérios, ruídos moldados

Nas galáxias compostas de vários
Desenhos de candentes estrelas
Cadentes que pinto em aquarelas.

TORNOU-SE

Tornou-se malsão de uma forma lúdica,
Rondou os caminhos de um jeito fraterno
E uniu-se aos deslizes de um modo eterno.
Sentiu-se vilão de uma maneira única,

Feriu-se parando num gesto tímido,
Humilde. Foi-se em um tique confuso
Que sempre trouxe um trejeito difuso
A sua mente ímpia como um sestro híbrido.

Nasceu dessa cinza jogada no átrio
De todo abandono atirado ao mais
Sedento desejo arremessado, ínvio,

Por vales serenos. Morou no vício
Artrítico, sempre habitou nos ais
Com a luz de quem residiu num lírio.

O CAIS DO CAOS

O cais do caos, o medo sôfrego,
A fuga presa ao pesadelo
Silencioso. O feito trôpego
Traz conjecturas num apelo

Cadenciado, desagrega
A soberana cor da tela
Cuja moldura tem a grega
Concepção sábia que nivela

Nossos fantasmas. Dissecados
Impulsos ralos, ancorados
Aos meus ocultos e indomados

Tinos, revelam encantadas
Razões repletas de paradas
Disfunções bem desarranjadas.

DESACOSTUMOU-SE

Vil, desacostumou-se consigo
Próprio, sujou-se com os segredos
Inábeis de alguém cheio de ledos
Projetos. Procurou-se no abrigo

Pacífico das mentes danosas,
Nessas escapatórias prolixas
De alguém desnortado. Porosas
Noções manifestaram-se em fixas

Visões inquebrantáveis, apáticos
Pressentimentos dignos dos mágicos
Reencontros instáveis, fluídicos.

Irrefutáveis gestos calados
Geraram sonhos sós, sincopados
Ensejos meramente enfadados.

VACILOS

Vacilos da alma, repentinos
Agrupamentos envolvendo
A placidez dos desatinos
Incomuns. Raptos refazendo

A angústia tácita das pobres
Idéias líricas ouvidas
Nos titubeios dessas nobres
Dicções duráveis, destemidas.

Vínculos douram as urgências,
Possibilitam duelarmos
Com nossas velhas aparências.

Minúcias tecem os instantes,
Descobrem que se agarrarmos
As percepções somos farsantes.

PRISMA

Dentro do prisma de indecisões
Que marcou a existência de seus
Átomos, viu-se atado aos judeus
Viajantes tormentos. Cisões

Profundas repartiram-no em muitas
Questões sempre intrigantes, deixaram-no
Sozinho investigando o eu, acharam-no
Deprimido, agarrado às fortuitas

Indagações doídas, vazias.
Encheu-se de alusões, elementos
Pessoalmente toscos, histórias

Fundamentadas nos leilões
Moleculares dos passamentos
Tristonhos, sem senões nem refrões.